



O correio da Parodia

Raro é o dia em que não recebemos d'alguns dos nossos assignantes cartas fazendo-nos perguntas varias e contando-nos anedoctas, algumas das quaes deveras interessantes.

Até agora, pelo pouco espaço de que dispunhamos para a critica alegre dos ridiculos portuguezes, não pudémos dedicar a essas epistolas a attenção que muitas vezes ellas merecem. Hoje porém que o nosso semanario entrou n'uma nova phase da sua vida, vamos dedicar aos nossos correspondentes o espaço e o tempo que os assumptos de momento nos não reclamem.

No correio da *Parodia*, terão cabimento todas as perguntas e todas as respostas, todos os contos e todas as anedoctas, que os nossos assignantes e os nossos leitores nos enviarem. Não tomamos sobre nós a responsabilidade de responder a todas as perguntas, mas todas serão publicadas e aquelles que a ellas possam responder, que respondam. Para isso lhes offerecemos as nossas columnas.

Em breve abriremos uma nova secção de concursos litterarios e artisticos a que poderão concorrer todos aquelles que sintam no cerebro o escaldão de algum conto alegre, ou na palma da mão as coegas d'algum desenho patusco.

O SALOIO E O BURRO (Conto mudo)



ENGENHEIROS
ALMEIDA SANTOS, LINO & C^a

AUTOMOVEIS DE
TODAS AS MARCAS
BARCOS DE GAZOLINA
INSTALLAÇÕES DE
LUZ ELECTRICA

MACHINAS
E
SEUS
ACCESSORIOS

LISBOA - 24 - R. VASCO DA GAMA - 24 -

ALMEIDA SANTOS, LINO & C^a

O LEÃO E A LEBRE

Era uma vez um grande, um enorme leão que devorava todos os animaes que encontrava.

Os estragos eram taes que os pobresinhos resolveram propôr ao senhor Leão que se contentasse em comer um por dia, e que não se incomodasse em sahir do seu covil, que a victima diaria iria ella propria apresentar-se ao sacrificio.

O senhor Leão, que era commodista, lambeu o focinho e accedeu gostosamente á proposta.

Os pobres animaes, fieis á palavra dada, todos os dias enviavam ao terrivel senhor, o seu jantar.

Chegou a vez a uma velha lebre, experimentada lebre, que muitas vezes vira cahir em volta o chumbo das espingardas, e que com o andar do tempo, muito aprendera e muito sabia.

Ora a velha lebre, aproximava-se docemente do leão, quando este lhe gritou:

— Como vens tarde!

— Não é por minha culpa, senhor Leão, responde a lebre de orelha murcha, desculpe-me, encontrei um outro leão que me impediu a passagem e que me não queria deixar vir.

— Como?... Um outro leão? aqui? nas minhas terras. Vamos ensina-me o caminho... dize-me onde elle está.

A lebre, já de orelha arrebitada, dirige-se, seguida pelo leão para um poço fundo, muito fundo...

O senhor Leão debruça-se, e vendo a sua imagem reflectir-se na agua, exclama enfurecido:

— Ah! ladrão! estás lá em baixo? Pois espera, que eu te arranjo.

E, de cabeça perdida, o senhor Leão atira-se ao poço.

A velha e experimentada lebre, de orelha ao vento, voltou para a sua toca.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Desde 1 de Fevereiro de 1903, será posta em vigor uma nova tarifa especial M. L. n.º 5 de pequena velocidade, para transporte de sal por wagons completos de Lisboa, Povoas, Figueira e Aveiro para varias estações das linhas de Madrid-Caceres-Portugal e do Oeste de Hespanha.

Condições e preços, vê as tarifas affixadas nas estações interessadas. No serviço do Trafego em Santa Apollonia, prestam-se esclarecimentos.

Lisboa 20 de Janeiro de 1903.

Pelo Director Geral da Companhia O Engenheiro Adjuncto à Direcção Geral

Augusto Luciano S. de Carvalho.

GASTON PIEL

Callista effectivo de Sua Alteza o Principe Real

Processos exclusivos e rigorosamente antisepticos

CONSULTAS: Das 9 da manhã ás 5 da tarde; aos domingos até ao meio dia.

Segundas feiras das 9 as 11, grat's para os pobres.

Praça dos Restauradores, 46 — LISBOA



Rua Aurea, 279

Unico representante em Portugal

DOS

ESMALTES VITRIFICADOS

Copia de photographias

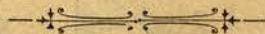
Ultima novidade em Paris
e a mais notavel maravilha d'arte n'este seculo



AS MAIS RECENTES NOVIDADES

PARA BRINDES

EM OURO E PRATA



GRANDE SORTIMENTO

EM

Objectos de joalheria e ourivesaria



RELOGIOS DE 1.ª QUALIDADE

EM OURO E AÇO

PARA SENHORAS E CAVALHEIROS

Executam-se todas as encomendas de joalheria e ourivesaria por preços modicos.

ESTE ESTABELECIMENTO NÃO ABRE AOS DOMINGOS



PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quartas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

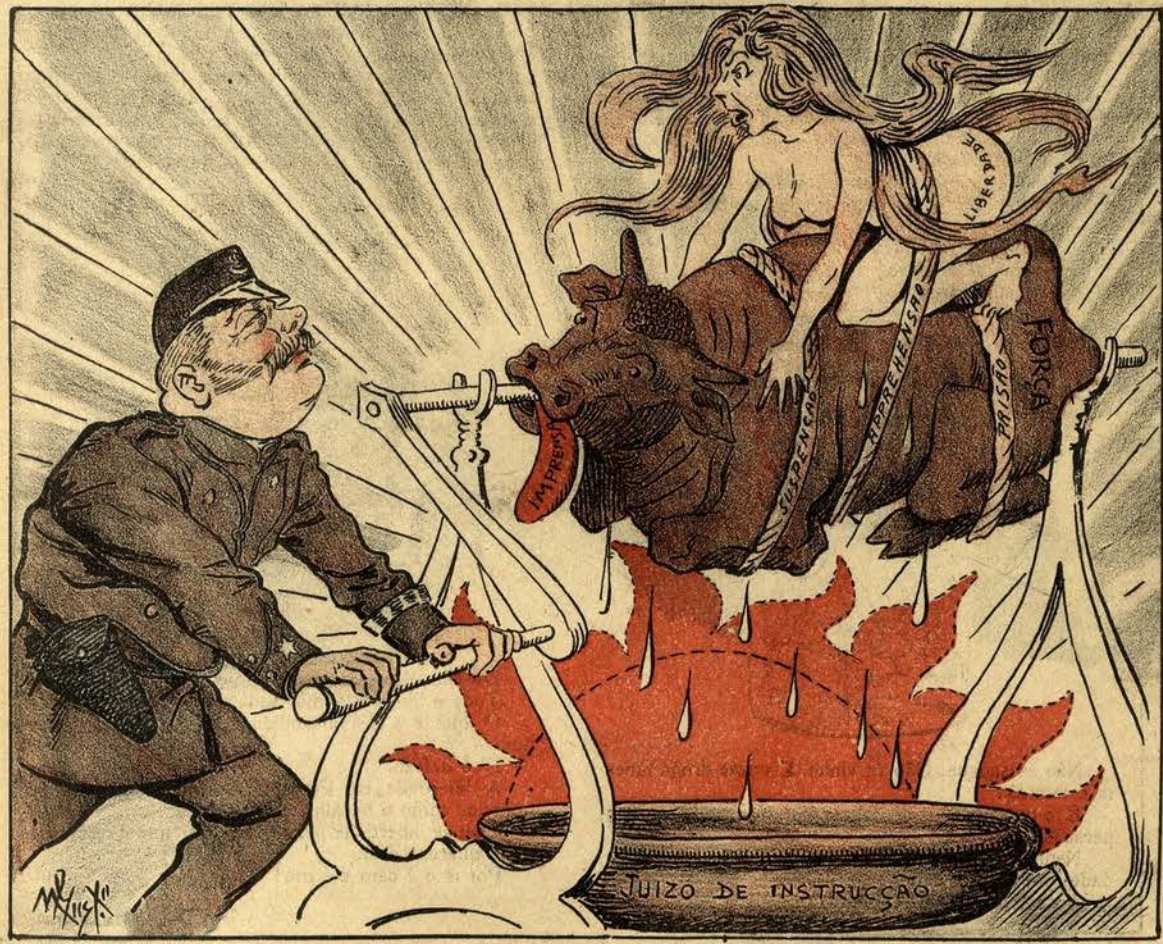
Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 13000 rs. || Brazil, anno 52 numeros..... 25500 rs.
Senegal, 26 numeros..... 3500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.
Cobrança p.º do correio..... 500 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros... 13000 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem p.º em de comecar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julio

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
111, Rua do Norte, 113
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

AO SOL DA CIVILISAÇÃO



— Pois, sim, grita, que eu cá te vou assando no espeto, mais a tua força, para depois vos comer... com batatas!

Algumas razões sobre a liberdade



AS opiniões conjunctas dos dois partidos liberaes que na passada semana debateram no parlamento a questão substancial da liberdade resulta esta noção positiva: dê-se a liberdade, porém ás colheres.

O partido regenerador preconisa o regimen das colheres de chá.

O partido progressista reivindica o principio das colheres de sopa.

Ambos, porém, estão no fundo d'accordo em que da liberdade não se faça senão um uso moderado e ás colheres.

Com effeito, enquanto o partido regenerador estabelece casuísticas distincções entre *liberdade e licença*, o partido progressista severamente separa a *liberdade da diffamação*, a *liberdade da calumnia*, e ambos se concertam em dosar a liberdade como um medicamento.

O objectivo d'esses dois partidos liberaes não consiste pois em *dar* liberdades, mas em *receitar* liberdades.

Os regeneradores receitam a liberdade, porém com infinitas precauções.

Os progressistas, por seu turno, applicam egualmente o principio da liberdade, porém com uma forte somma de cautelas.

Quer dizer, a liberdade para o *systema liberal* é um veneno.

Elle receita. O juiz Veiga avia. O Governo Civil é a pharmacia da liberdade. Ali a manipulam, a pisam, a clarificam, a passam por filtros de papel pardo. Por isso a liberdade de que gosamos é uma liberdade de pharmacia. Não podemos fazer uso d'ella senão em virtude de uma receita do medico—que é o governo.

Pobre liberdade!

Correste já sob a forma de sangue generoso, foste bebida como um vinho embriagador, estancaste ardenes sêdes!

Eis-te na therapeutica!

Eis-te no receptuario!

Eis-te em frascos!



Não és sangue. Não és vinho. E's uma droga funesta e temida.

E' o que se deduz do debate parlamentar, breve, mas persuasivo.

Nenhum dos dois partidos que reivindicam a liberdade, quer a liberdade.

Ambos querem o regulamento.

Não se discutiu na camara se deveria ser restabelecida a liberdade da Constituição. Da liberdade da Expedição de Belle-Ile e da Ilha Terceira, da liberdade trazida pelos sete mil e quinhentos e desembarcada no Mindelo, da liberdade que está no Porto em um frasco, mettida em alcool, não se falou.



Do que se tratou, isso sim, foi de uma liberdade sujeita á postura e que, de tão regulamentada, não se sabe já se é a liberdade de pensar, se a liberdade de verter aguas.

A mesma Constituição não se invoca já.

O que vigora?

O Código Administrativo.

O Código Administrativo é um *post-scriptum* á Constituição, *vade-mecum* do arbitrio, breviarario de todas as dictaduras, manual portatil que os governos levam no bolso para a camara com os rebuçados de althéa e que folheiam com as pontas dos dedos, enquanto a opposição pede responsabilidades e copos d'agua.

O accordo é completo no sentido de considerar a liberdade um contrabando, como a isca.

Os partidos, tanto os do poder, como os da opposição, querem a liberdade-Régie, devidamente chancellada pelo Estado, com um sello e uma policia de fiscalisação. Quanto á liberdade isempta de um *contrôle*, elles unanimemente a consideram fraudulenta.



Foi isto o que ambos claramente dissêram.

Toda a liberdade, mas toda a responsabilidade!

O que é a responsabilidade no regimen do monopolio?

E' o defezo.

A liberdade em Portugal está no regimen do monopolio, como o bacalhau.

Tem-se liberdade pelo preço por que os governos nol-a querem dar.

Por isso é cara e é má!

JOÃO RIMANSO.

Outra na ferradura...



STÁ em Lisboa e exhibe-se no Colyseu um clown que se intitula Billward, o idiota ou o jongleur desastrado das Folies Bergère.



O segredo do exito — porque o tem tido — d'este clown, consiste em não fazer coisa alguma com geito.

Os jongleurs são dextros. Elle não o é. Mas para não o ser, que arte!

A sua arte pode intitular-se — a arte de não ter arte. Elle executa infinitos equilíbrios. Todos lhe falham.



Os pratos caem-lhe das mãos. As esferas tombam-lhe sobre a cabeça.

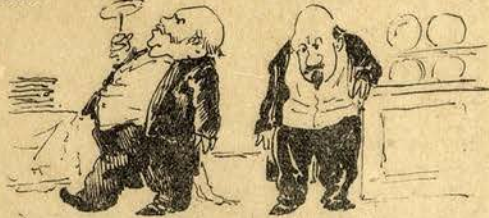


Tropeça nos moveis. Escorrega, cãe e, ao levantar-se, faz sempre cair alguma coisa. Demais, tolo elle está organizado em desastre.



Collaboram com elle as suas mãos, os seus pés, o seu nariz, a sua calva e o peitinho da sua camisa.

Pois bem ! Este homem que é um clown é, ao mesmo tempo, um symbolo. Este homem representa no Colyseu e na sociedade portugueza onde transitoriamente está — os Principios. Como elle, os Principios fazem todo o genero de equilíbrios maus.



Fazem o equilibrio da Moral nos costumes politicos e vem tudo abaixo com um grande ruido de louça, que algumas vezes é da China.



Não foi possível manter a Moral em equilibrio e os Principios fazem um gallo na testa.



Procuram ha muitos annos fazer o equilibrio do orçamento e todos os annos o orçamento vem a terra, sem que os Principios consigam equilibrar-o.

Fazem o equilibrio da liberdade e da liberdade não existe já senão alguns estilhaços, tantas são as vezes que, em vão, os Principios tem procurado equilibrar-a.

O clown intitula-se desastrado, enquanto que estes principios absolutamente clownescos se proclamam — immortaes.

Contudo, são ambos desastrados, pela mesma somma de coisas que fazem pessimamente.

Com ferocidade, a Censura funciona.

Já, na sua ultima sessão, condemnou á morte algumas traducções francezas.

E' o delirio do Saneamento.

A Censura regressou a Portugal com os anti scepticos.

Fundado o laboratorio de hygiene, onde se analysa o leite, o vinho, a cerveja, creou-se est'outro laboratorio, onde se analysa — o Pensamento.

E' a Censura.

Os homens de espirito em Portugal tem todos que ir á analyse.



SOLUÇÕES POSITIVAS DO SYSTEMA LIBERAL



ROCIO

Foi o Dadôr
E' o apprehensor.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

Os empregados de theatros já dão amostras. Não tarda que os editores de livros mandem os seus livros ao laboratorio. Ali, ora se condemna, ora, simplesmente, se desinfecta. E' talvez um regimen asphixiante, mas não se pode dizer que não seja um regimen acieado.

Segundo parece, o que mais particularmente justifica o bem conhecido arbitrio do popular sr. juiz Veiga é a necessidade de evitar que certas noticias publicadas em jornaes portuguezes passem para fora.

Affigura-se-nos, porém, que isto não é um regimen de imprensa; é um regimen de doentes.

O que se pretende, em summa, em materia de liberdade de imprensa é que se ande em bicos de pés.



Perfeitamente, mas n'esse caso proclame-se Portugal em estado grave e ponha-se-lhe á porta casca de sôbro.

Tendo um deputado da maioria apresentado na camara um parecer sob a proposta ministerial isentando de não sabemos que contribuições, os cegos e os surdos mudos, o sr. Dias Ferreira assignou... com declarações.

As quaes foram as seguintes: isentando tambem os zarahos.

O FERRADOR.

A lei de imprensa



E eu fosse deputado, n'esta semana, ao levantar-se no parlamento a questão da liberdade da imprensa, teria pedido a palavra e com a serenidade com que falou o senhor Beirão, ou ainda maior se isso fosse permitido ao meu nariz, teria mandado para a meza a minha moção, depois da céga-rega oratoria do sr. Hintze Ribeiro.

Sua excellencia mais uma vez accentuou a peregrina theoria de que as leis só servem para os casos vulgares, caducando ante os casos exceptionaes do capricho, do ciume, do despeito pessoal, da vaidade, etc.



N'esse caso faltou a sua excellencia explicar para que servem, ou que valor tem as leis, visto que da sua acção e letra, como da agua benta, cada um toma a que quer.

Ouvindo pois o morrão eloquente eu teria enviado a minha moção, que seria assim:

A camara affirma e conclue que havendo leis especiaes para todas as offensas á liberdade individual e collectiva—Carta Constitucional, Codigo Administrativo, Leis, Regulamentos, Leis—, a Censura previa, a prohibição, de falar e de escrever, de qualquer manifestação do pensamento humano, por parte do governo, só pode significar a existencia nas cadeiras do poder de um curioso grupo de idiotas... e passa á ordem do dia.

E, como a quem dá opiniões e idéas radicaes compete o dever de as justificar eu teria dito:

Se um homem tivesse, hoje, a estulta pretensão de proclamar que seria capaz de obrigar uma celula culta, a pensar como a sua irmã do principio do seculo XVIII, toda a gente passaria a esse cavalheiro o attestado de charlatão ou de doido.

Porque imaginar poder intervir no trabalho cerebral de um homem d'hoje—como no de todos os tempos—obrigando-o a direcções forçadas contra a essencia vital da propria substancia, o mesmo seria que ousar determinar ao figado que respirasse e aos pulmões que ouvissem.

Isto é: o cumulo da estupidez estaria em amplexo intimo com o cumulo do ridiculo.

E' de banal conhecimento o saber-se que a cada órgão, a cada celula pertence a sua função e não outra, n'uma ultima independencia do trabalho que faz a estranha harmonia de relações, que tem como consequencia— a Vida.

A educação progressiva da especie que enriquece dia a dia os centros da intelligencia, enchendo de facultades novas, de vibrações mais ricas, a celula nervosa: o aperfeicoamento fatal da raça na selecção e na lucta, que rendilha o cerebro e subtiliza a impressão alargando o campo enormissimo do pensamento, bem me parece não poderem estar ás ordens do primeiro bacharel que se lembre de as dificultar ou prohibir porque isso lhe tira o somno da mioleira romba, ou lhe arranque algumas libras á bolsa, ganhas em servilismos e baixezas.

Dada a independencia, a intangibilidade absoluta do pensamento humano, o que significará pôr-lhe barreiras, combatel-o, pensar dominal-o?

Apenas uma coisa simples, clara, axiomática — uma imbecilidade!

Imbecilidade de resto, comprovada aos milhares de exemplos na historia humana, no impotente despotismo dos cárceres, dos supplicios, das forcas, das fogueiras.

Não colhe a academica opinião de que sejam boas ou más as idéas expendidas, por isso que no correr do tempo a sciencia modifica completamente a consciencia humana.

Não se deve ao cerebro aliás gigante do sr. Hintze Ribeiro o golpe profundo na criminologia hodierna; nem ao mesmo adamastorico bestunto a grandeza da consciencia de hoje arrancada aos segredos do organismo, á physiologia que o mesmo é dizer á psychologia, pelos Dumas, pelos Claude Benard, pelos Lombroso.

A justiça nada ganhou em equidade ou em verdade com as locubrações das sete lamparinas que alumiam a azinhaga lamacenta e tortuosa da nossa vida de nação.

Logo, nem uma sombra de auctoridade pode irradiar das setes symbolicas caveiras que a terem semelhança aceitavel só a podem encontrar na de Yorik, o bôbo alegre, que Hamlet critica e lamenta no cemiterio de Usenor.

Não é pois pela sciencia, nem pela consciencia da grandeza moral que d'ella vem, que o governo portuguez ousa, em nossos dias, dizer á alma humana o que o celebre Josué de picareasca memoria, disse ao condescendente sol d'aquelles tempos:—ô coisa, pára lá!

Porque seria realmente um caso infando que o trabalho, a lucta, os sacrificios, as desgraças salvadoras de tantos seculos, tantas lagrimas e tantas catastrophes, tantas heroicidades e tantas victorias, onde nasceu o sublime animal terreno livre illuminado, um semi-deus, o homem d'hoje, dominando a Terra, rasgando o Céu, tudo isto, está torrente da luz e da vida estacasse, de subito, ante a semi-unar careca do sr. Hintze porque sua excellencia erguesse a dextra e Josué de trapos e trôpos, impozesse: ô coisa, pára lá?

E dito isto, assim, simples, claramente, em defeza d'esta pobre alma moderna e livre, que o sr. Hintze teima em metter nos cárceres do Juizo de Instrucção Criminal, como uma desavergonhada, ter-me-hia sentado com a mesma serenidade, esperando o voto da Camara.

A Camara votou. Limpou o sr. Hjntze da mácula de idiotia por 65 votos.

Eu tomo pois a liberdade de recorrer a outro parlamento, o paiz, a quem pelas razões expostas, submetto uma nova moção.

«O Paiz afirma e conclue que, havendo leis especiaes, para todas as offensas á liberdade individual e collectiva, Carta Constitucional, etc, a censura previa, a prohibição, de falar e de escrever, de qualquer manifestação do pensamento humano, tendo sido aclamada no parlamento portuguez por 65 votos só pode significar a existencia nas cadeiras de S. Bento d'uma rica collecção de 65 idiotas.»

O paiz, que vote.



Censura

Pelo visto, as peças theatraes em Portugal, teem de ser agora revistas pela commissão de censura.

Teem de provar que:

Não padecem de molestia contagiosa,

Que são Moraes,

Que são Civis,

Que são Religiosas.

Sem isso não podem requerer vida publica, assentar praça em qualquer theatro.

A moralidade d'este paiz está a cair-se, como as frontarias das egrejas.

Em tudo se requer a dita senhora, excepto nos politicos; e ses podem ser sujos á sua vontade.

Tomamos porém a liberdade de lembrar que a commissão actual é defeituosa. Em vista dos requisitos exigidos ás peças ellas teem de ser vistas por um delegado de saude, por um policia civil e com respeito á parte moral e religiosa—só examinadas pelo senhor patriarcha.

Assim podem ser affiançadas.

Telepathia

Nova onda de espiritismo invade os periodicos. Começam a apparecer casos novos, casos curiosos, casos estranhos e raros.

Assim um conta que estando em Lisboa a aparar as unhas teve um estremecimento, porque ouviu a voz d'um amigo no Porto a dizer-lhe:— cá estou a trabalhar no teu negocio.

Assim o disse aos circumstantes que se riram. Vem telegramma no outro dia; confronta se a hora: era verdade.

Agora eu. Estavamos n'um club; tudo rapazes intelligentes e finos.

Ninguém dizia uma palavra; a conversa morria; uma semsaboria atroz dominava todos.

Falem, digam alguma coisa!... As palavras morriam nos labios!

— O' senhores, disse um, que atmosphaera de estupidez para sobre nós, sobre a cidade! O que será?

Vêem se as horas... tinha-se aberto a Camara!



Revolta de Chéchés

Meus irmãos, a autoridade
Quer tirar-nos a entrada,
Isto é uma iniquidade
Contra os usos da velhada!...
Se o Carnaval cáe na loisa
Depois d'um golpe fatal...
Lá se vae a melhor coisa
Que dá gloria a Portugal!

Lembrémos o tempo antigo
Em que um ovo e pó de gesso
Vasava o olho do amigo,
Sem offensa do progresso!...
Em que na praça, a dar zurro,
O povo andava a bailar
Co'uma caraça de burro,
Que lhe ficava a matar!

A' guerra, irmãos! contra o Veiga
Que, atacado da mania,
Tenta vêr-se desarreiga
Dos corações a alegria!...
En avant! vamos á guerra!
A' parede ferrar pés!...
Faça tremer céu e terra,
A revolta dos Chéchés!



VENANCIO.

A raposa e as uvas

Indo a fugir de carreira,
Passou raposa esfaimada
Por baixo d'uma parreira
De bons cachos carregada.

A uva estava madura,
Tentadora e appetitosa;
Porém da parreira a altura
Não a saltava a raposa.



Tentou, arriscou-se a p'rigos
Pare esbaldugar um cacho...
Mas... ora adeus, meus amigos,
Quem caiu d'ahi a baixo?

E, tendo a raposa visto
Não levar a empresa ao cabo,
Diz: — Nem cães comerão isto
Mesmo com fome de rabo!...

O vento solta uma parra,
Crê ser um bago a raposa;
E, para vêr se o agarra,
Volta focinho... a gulosa.

Sobre a parreira, guapo,
Todo alegre, todo bello,
Enche de grande o seu papo
Melro de bico amarello.

Da parreira o dono, aquelle
Que a poda lhe deu precisa...
Chora ao vêr que não é elle,
Que põe as uvas em piza!...

Expõe o espantallo aos ventos...
Enxota cada vez mais...
Mas os melros são aos centos,
E não tem conta os pardaes!...

BONIFACIO.



NA CAMARA

TROVADOR da liberdade de imprensa



Ma-dre in-fe li - ce, cor-ro a sal-var - ti

Dó de peito



Ma-dre in-fe li - ce, cor-ro a sal-var - ti



ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS

A **Parodia-Comedia Portugueza** inaugura no seu proximo numero uma secção de Anuncios telegraphicos, nas seguintes condições:

Por um annuncio de *uma a vinte palavras*, 300 réis,

Por cada palavra a mais 10 réis.

As abreviaturas contam-se como palavras, e os numeros que tenham mais de seis algarismos por duas palavras.

A estas importancias deverá ser accrescentada sempre, por cada inserção, 10 réis para o sello do annuncio.

Com esta nova secção será facil a todos os srs. annunciantes da provincia remetterem o seu annuncio e importancia exacta.

Estes annuncios são pagos adiantadamente.

TABACARIA GANDRA

COMPLETO SORTIMENTO EM

TABACOS

Nacionais e estrangeiros
Grande variedade em artigos para fumador, como boquilhas, cigarreiras, charuteiras, etc.

E outros artigos d'esta especialidade
ASSIM COMO

JOBNAES

Nacionais e estrangeiros,
figurinos, etc.

Papel sellado, letras, sellos,
arrendamentos e despachos
d'Alfandega

90, RUA AUGUSTA, 90—LISBOA



CAPAS

DA

«PARODIA»

700 réis

E DA

«COMEDIA PORTUGUEZA»

600 réis

LAGOSTA

MARCA REGISTRADA

TINTO

VINHO VERDE
ESPECIAL

BRANCO
MENÉRES & C^o

EM BOTIJAS

de 1/2 e 1 Litro

PORTO

PRIVILEGIO EXCLUSIVO
para o uso e gozo em todo o territorio do Brazil do
feito e formato d'estas botijas de gres

(Decreto de 1 de abril de 1902—Carta patente N. 3849)

Reparem que a rolha e o lacre tenham a nossa marca

MENÉRES & C^o
PORTO

CAMISARIA

Carlo Steffanina



Fabrica de gravatas

Modas, Confeções

Enxovaes completos para homens e senhoras

Artigos para Sportsmen

45, RUA DO LORETO, 55 — LISBOA

MUSICA

Pianos-
Instrumentos

Brindes durante o anno de 1903
Um piano Bónisch, novo, mad. n.º 7.

PIANOS

Representantes das celebres casas: Steinway de Nova York, e C. Ronisch de Dresden.

O novo modelo de **Piano de cauda** de Steinway, pelo preço mais modico. Catalogo gratis.

R. N. de Almada, 97, 99 — LISBOA



Empreza Vinicola de SALVATERRA DE MAGOS

PREÇOS CORRENTES

FEVEREIRO

1903

Vinhos tintos	Gar.	1/2 G.	Litro		Gar.	1/2 G.	Litro
Palhete.....	90	50	130	Moscatel-Favaio (Douro) da lavra de Theodorico Pimentel.....	500	—	700
Trincadeiro.....	110	60	150	Aguas-ardentes			
Alicante.....	150	80	200	Agua-ardente de vinho.....	500	250	700
Clarete.....	130	70	170	» » » » (Rebello d'Andrade).....	500	250	700
Vinhos brancos				Vinagres			
Branco.....	100	55	140	Branco.....	70	—	100
Fernão Pires.....	140	75	180	Tinto.....	60	—	80
Sauterne.....	150	80	200	Azeites			
Diagalves.....	180	95	230	Azeite d'Oliveira (da lavra do Prof. Dr. Francisco d'Oliveira Feijão).....	300	—	400
Vinhos licorosos				Azeite d'Oliveira.....	250	—	320
Licoroso brancos.....	220	—	—				
» tinto.....	220	—	—				



Distribuição diaria aos domicilios

Telep. n.º 455—Adr. teleg. VIRUS Lisboa

Deposito Central—86, Rua Nova do Almada, 90—Lisboa



J. DOS SANTOS VERDE

ANTIGA CASA

JOSÉ ANASTACIO VERDE

FERRAGEIROS

Especialidade em ferramentas. Encarrega-se da compra e venda de machinas.

2, Rua dos Fanqueiros, 6

LISBOA

FLORINDO

Ourivesaria

E

Relojoaria

COM

Officina annexa de fabrico e concerto

Jóias com brilhantes

Preços limitadissimos



99—Rua Aurea—99